

O ATO DE LER: PROCESSO ABRANGENTE E COMPLEXO

Márcia Maria Américo Veiga¹

RESUMO

O presente trabalho tem por foco apresentar o processo de leitura na sua função mais básica: a realização do objetivo de quem escreve, e também demonstrar o processo de aquisição de conhecimento em toda sua complexidade para que a pessoa possa decifrar em silêncio ou em voz alta os signos que a levarão ao conhecimento do texto escrito; tendo, no contexto escolar, a biblioteca como suporte pedagógico no papel de parceira nas atribuições que se complementam para a construção do processo ensino aprendizagem. A proposta tem inspiração nas teorias preconizadas por Paulo Freire que privilegia o processo de aprendizagem pautado no afeto, na solidariedade, na liberdade e na leveza como promoção dos sujeitos.

Palavras-Chave: Oralidade. Escrita. Leitura.

ABSTRACT

The main purpose of this paper is to present the reading process in its most basic function: not only to achieve the goal desired by the writer but to demonstrate the processo of knowledge acquisition in all its complexity so that the child can decrypt (either in silence or aloud) the signs that will lead her to know the written text; wich will have, in the context of a school, the library as a pedagogical support that functions in a partnership in the attributions that complement each other to build the teaching and learning process. This proposal is inspired in the theories praised by Paulo Freire, wich favor a learning process based on affection, solidarity, freedom and lightness as means to promote.

Key words: Orality. Writing. Reading.

¹aluna do curso de Graduação em Letras/Inglês da Faculdade Integradas do Vale do Ribeira.

INTRODUÇÃO

O homem é um ser capaz de se comunicar e tem necessidade dessa comunicação para a sua formação social. A todo o momento, estabelece ligação com outras pessoas por intermédio da fala, da escrita, da música, dos gestos, das imagens e demais meios possíveis de se transmitir emoções e pensamentos, a fim de viver e trabalhar em comunidade.

O presente relatório técnico científico apresenta a importância do ato de ler na formação e no desenvolvimento das pessoas, como um ser que sente, pensa, interpreta e executa, partindo de uma habilidade de decodificar palavras escritas até chegar a um processo de construção da interpretação textual. Evidente, que para se colocar em prática o ato, é preciso trabalhar a fala com seus modos diferentes de falar; e a escrita, processo que relaciona além de sons e símbolos, também a expressão de ideias e de ordenação do pensamento.

Muito se tem falado sobre a necessidade de incentivar a leitura, no entanto é preciso fazer uma reflexão sobre o porquê e para quê é necessário esse estímulo, mostrar que a leitura propicia a possibilidade do indivíduo ser inserido no mundo e dele tomar parte, usando a escrita como ferramenta que lhe dê liberdade para conhecer melhor o que se passa na vida social e nela poder intervir, pondo em prática o que sabe para descobrir o que não sabe.

Faz-se necessário aprender as características de funcionamento do sistema de escrita e seus usos e valorizar esse conhecimento como imprescindível à participação social. Uma aprendizagem que leve o sujeito a refletir sobre conteúdo, a reorganizar ideias, a buscar a melhor forma de expressar suas opiniões de forma a alcançar seu intento. Saber ler e escrever é muito mais complexo do que o ensino de um código de sinais, pois envolve a interação entre leitor/escritor e suas potencialidades.

Portanto, para atingir os objetivos de desenvolver a competência oral e escrita no processo ensino-aprendizagem, deve-se contemplar a motivação, que dependerá das suas experiências de vida, do seu interesse pelo assunto, do tipo de ajuda que receberá

em casa ou na escola, diante das dificuldades, a fim de criar habilidades que lhe permitam uma compreensão leitora.

1. O INDIVÍDUO E A FORMAÇÃO COMUNICATIVA

Ainda criança, o indivíduo registra sua presença por meio do desenho, como uma imitação da realidade, para ter a chance de se comunicar. Ao evoluir, passa a fazer uso de símbolos que o conduzem à alfabetização e, mais do que isso, ao ensino e à promoção da leitura, prática que compreende desde capacidades desenvolvidas no processo de alfabetização, até as que o tornam apto a participar ativamente nas práticas sociais letradas. De acordo com Soares (2014, p.30), “o alfabetismo, entendido como um estado ou uma condição, reporta-se não a um único comportamento, mas a um conjunto de comportamentos que se caracterizam por sua variedade e complexidade”.

Ser alfabetizado é ter o domínio do sistema alfabético, como as peças de um jogo, mas para participar desse jogo, é preciso também ser letrado, compreender o uso efetivo e autônomo da língua escrita em práticas sociais diversificadas. Quem somente assina o nome, lê o luminoso em um ônibus, por exemplo, é alfabetizado, mas não letrado. Importante é ter os dois conhecimentos num processo que leve à apropriação, compreensão e valorização da cultura escrita e da leitura.

As primeiras leituras das pessoas sendo sensoriais, não elaboradas, permitem a introdução de exigências que a levam à descoberta do que lhe agrada ou não, como forma de viver e sobreviver no mundo adulto. Segundo Martins (1984, p.12), “na leitura do texto escrito, não é apenas o conhecimento da língua que conta, e sim todo um sistema de relações interpessoais”, ou seja, aprende-se a ler fazendo as diversas leituras das circunstâncias da vida e dela participando. Complementando-a com a leitura emocional e finalizando com a leitura racional, a fim de dar sentido ao texto, questioná-lo e questionar-se.

2. A ORALIDADE E A ESCRITA

Atuar numa sociedade letrada é trabalhar bem a língua, seja falada ou escrita. O sujeito precisa capacitar-se para participar das diferentes práticas linguísticas. Na prática da oralidade, por exemplo, é necessário entender que ao mudarem os interlocutores, os

objetivos, o lugar social, a fala será diferente; observando quem pode falar, quando se pode falar, do que se pode falar. As situações de fala dependem do contexto e da personalidade dos envolvidos. É um aprendizado longo, que estabelece as regras de convivência e de participação nas interações verbais, indo muito além de um falar bonito, visto a língua ter existência na fala das pessoas e a partir de então se realizar.

Analisando o aspecto temporal, o homem existe muito antes da escrita, assim como suas formas de manifestação e as marcas da sua individualidade. Nem por isso a fala situa-se com maior grau de importância nas formas comunicativas. É certo que num processo de oralidade pode-se, mesmo sem ver uma pessoa, intuir alguns de seus aspectos: se é homem ou mulher, jovem ou velho, a faixa etária, a escolarização, entre outros, por isso a fala apresenta um caráter maior de proximidade; diferente da escrita, em que há um maior distanciamento entre escritor e leitor.

Atualmente, a escrita aparece de forma bastante significativa, ainda assim, fala-se muito; na verdade, passa-se mais tempo falando do que escrevendo. Embora seja dada à escrita uma enorme importância, um grande valor, a oralidade não está a serviço da escrita. Fala e escrita estão imbricadas, são representações da língua. Não se deve cair no equívoco de colocar a oralidade e a escrita em patamares distintos, porque ambas são contextualizadas, cada uma tem seu valor, importando a forma como as pessoas organizam seus discursos e praticam as suas interações. Não há concorrência entre a fala e a escrita; ao contrário, no cotidiano, são complementares, são duas formas de representar todo sistema linguístico.

De acordo com Gomes (2009, p.37), “deve-se mostrar à criança que existe uma língua falada e uma língua escrita que, em suas diversas variedades, servirão a diferentes propósitos”. O que significa dizer que a fala é transitória e possui alguns recursos para a transmissão do significado, como tonicidade, ritmo e entonação; enquanto a escrita é permanente, organizada em forma de texto e construída com maior cuidado, fazendo uso de outros recursos, como os gráficos. Numa conversa face a face, por exemplo, há cooperação entre os interlocutores ou interrupções abruptas, enquanto na escrita não há os turnos de fala, o escritor é quem coordena sua produção, de frase em frase, de parágrafo em parágrafo.

3. O ATO DE LER

O objetivo primeiro da escrita é o de permitir a leitura, e o exercício contínuo da leitura está vinculado à escola. Então, o que é ler? Sob um aspecto, ler é olhar, processar, visualizar e dar possibilidades à aprendizagem. A leitura interfere em todos os setores do desenvolvimento da aprendizagem do indivíduo; não apenas a questão da leitura em si, mas da visão de mundo que se passa a ter. Quanto mais se lê, mais é possível se apropriar do conhecimento e; é por meio da leitura que se sabe possível viajar na história, conhecer várias culturas, participar de situações diferenciadas e vivenciar infinitas emoções.

Segundo Freire (1986, p.11), “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo”. Quando a criança lê, está contribuindo para o desenvolvimento dos aspectos necessários para sua aprendizagem, como a compreensão, a inferência, a interpretação, numa leitura de mundo fundamental, relacionada ao contexto de seu mundo imediato. Observando que lendo com frequência, a criança cria familiaridade com o mundo da escrita e, de tanto entrar em contato com as palavras, tende a escrevê-las melhor. Não que se diga com isso que quem lê escreve bem, apenas procura-se salientar que a leitura fornece subsídios para a escrita.

A leitura pode ser vista também com responsável por organizar melhor os pensamentos e por aumentar a capacidade do indivíduo de se expressar e de defender suas ideias. Como bem coloca Freire (1986, p.19),

A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a ser compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada desde outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas.

No entanto, se os vínculos com a leitura não forem criados, com manifestações que levem à importância do ato e tornando-o também prazeroso, levando-se em consideração, por exemplo, o livro, o filme, o espetáculo, o desenho, como uma viagem cultural indispensável e divertida, a criança terá uma leitura restrita, mecânica, não

entendida como prática social, limitando-se à capacidade de decifrar e entender um código.

4. A ESCOLA E A LEITURA

Evidente que a escola, preocupada com o ensino, deve fazer com que a criança encontre nela seu lugar para aprender, de modo a levá-la a descobertas, explorações e decisões necessárias à sua formação. Numa questão pedagógica, cabe ao professor ensinar o ato de ler, de produzir textos e cultivar os valores necessários para aprimorar o conhecimento dos alunos, tornando-os leitores críticos do que leem e do mundo que está a sua volta. Dessa maneira, o leitor fará sua própria leitura em relação aos diferentes gêneros e suportes que tornam possível sua formação, fará perguntas e procurará as suas respostas.

Refletir sobre a formação do leitor requer um olhar atento também para o espaço onde se faz a leitura. Além da sala de aula, a biblioteca constitui um excelente lugar para essa prática pedagógica, e deve ser explorada como um ambiente de formação de leitores e pesquisadores. O professor deve criar um ambiente de liberdade e de ludicidade sem se esquecer de impor os limites necessários para que se desenvolva um trabalho de forma dinâmica e produtiva. De acordo com Freire (1996, p.93), “a autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta”.

5. O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR

As diferenças entre teoria e prática, muitas vezes, demonstram o espaço existente entre um propósito e aquilo que impede a sua realização. Dentre tantos meios encontrados para se obter a leitura plena, optou-se por movimentos, práticas e ações que procuram reduzir esse afastamento e colaborar para a inserção do indivíduo no meio social, caracterizando-o como cidadão participante, saindo de um fazer isolado para um fazer compartilhado.

Esse processo tem por inspiração a obra e a prática de Paulo Freire que sempre esteve como mediador, relatando o que viu e ouviu em suas experiências, fazendo valer

a dignidade do ser humano por meio de uma educação reflexiva, dialogante, que favorece a troca de conhecimentos e realizações, percebendo na leitura a capacidade de infinitas possibilidades que enunciam a compreensão crítica da alfabetização e da necessidade da biblioteca, complementar e enlaçada à sala de aula, como centro de cultura ativa.

É importante que haja um ambiente harmonioso, onde a criança possa desenvolver seu potencial como leitor, sem imposições, castigos, desconfortos. Deve ser uma experiência positiva, que a estimule a frequentar e a participar de projetos e atividades de aprendizagem que contribuam para sua autonomia, criticidade e criatividade em relação à leitura. Como ressalta Furth (1982, p.22) “a motivação da leitura encontra-se fora do processo de ler; é extrínseca”, tendo o educador como elo entre a cultura da sociedade e o educando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas coisas boas uma escola pode oferecer, mas sem dúvida, a leitura é a grande herança da educação, pois se prolonga na vida. É importante que a criança aprenda a ler em todas suas formas, penetrando no texto, não somente nas histórias, mas em tudo que coopere para seu desenvolvimento e formação social, implicando inventar e reinventar a comunicação.

Todo mundo fala, e a fala, pontual como é, revela mais do indivíduo, revela os estados do ser; oposto do que se realiza na escrita, atemporal, feita para ser lida depois. Diferenças a parte, ambas são importantes, estão imbricadas, e colaboram para a eficiência da leitura, que requer um processo de compreensão, entendimento de mundo, de investigação e de posicionamento crítico e, como qualquer aprendizagem, pressupõe uma motivação que não condicione a capacidade de pensamento da criança, mas que a ajude a construir sua herança cultural.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AQUINO, Ítalo de Souza. **Como Escrever Artigos Científicos**. 8. ed. São Paulo, SP: Saraiva, 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo, SP: Scipione, 2009 (Coleção Pensamento e ação em sala de aula).

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 41ª ed, São Paulo: Cortez, 2001.

FURTH, Hans G. **Piaget na sala de aula**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1982.

GOMES, Maria L. de Castro. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo, SP: Saraiva, 2009.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Elena. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2014; **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo, SP: Contexto 2012.

LINS, Osman. **Do ideal e da glória: Problemas Inculturais Brasileiros**. São Paulo, SP: Summus Editorial, 1978.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo, SP: Contexto, 2014.

SOUZA de, Renata Junqueira. **Biblioteca Escolar e Práticas Educativas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.